

## Diálogo entre culturas, conversações com a obra de Françoise Choay

Nome do organizador/filiação institucional: Elane Ribeiro Peixoto / Universidade de Brasília

Nome do organizador/filiação institucional: Priscilla Peixoto / Universidade Federal do Rio de Janeiro

### RESUMO GERAL

A proposta que apresentamos aqui é o resultado parcial de um curso realizado entre agosto e novembro de 2021 e que contou com a colaboração conjunta de professores, pesquisadores e estudantes ligados a três universidades brasileiras: Universidade de Brasília, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal de Pernambuco. O motivo da reunião de esforços foi debater conjuntamente a obra de Françoise Choay [1925- ], uma autora, filósofa de formação, cujos trabalhos são considerados incontornáveis para aqueles que se dedicam ao estudo das teorias da arquitetura, do urbanismo e do patrimônio.

A obra de Françoise Choay começou a circular na segunda metade da década de 1950, em textos curtos publicados em jornais e revistas dedicados à crítica de arte, de arquitetura e de urbanismo. No entanto, é a partir da década de 1960 que a autora passou a desenvolver trabalhos de maior fôlego que ganharam a forma de livros. Estes últimos, muitas vezes tomados como obra de caráter didático e panorâmico, levaram o grupo de pesquisadoras reunidas nesta sessão a empreender um esforço de desnaturalização da vida e obra da autora. Engajadas nos estudos culturais (CHARTIER, 1989; 2014; BURKE, [2004] 2008) e nas suas relações com a história da arquitetura, do urbanismo e do planejamento urbano, as pesquisadoras que participam desta sessão se dedicaram aos modos como Françoise Choay enunciou alguns de seus temas de trabalho (a noção de monumento e a operação historiográfica, por exemplo), as operações que incidiram na circulação de sua obra – com especial interesse para a tradução – e a maneira como foi tratada por seus intérpretes. Ao traçar essas rotas, a abordagem construída pelo grupo foi se conformando de maneira ainda mais transdisciplinar, beneficiando-se de questões advindas dos estudos da tradução (MECHONNIC [1999] 2010; BERMAN 1984, SELIGMANN-SILVA, 2005), da filosofia da história (CERTEAU, [1975] 2011; KOSELLECK, [1979] 2006; RICOEUR [2000] 2007) e da literatura na sua atenção à fortuna crítica (FOUCAULT [1969], 2011; OUAHÈS, 1999).

Para além da necessidade ligada diretamente ao ofício da docência no Brasil – e que, portanto, demanda um esforço para situar uma autora cuja obra é presença constante na bibliografia base de cursos de graduação e pós-graduação –, a atenção dedicada a interpretação dos trabalhos de Françoise Choay busca se alinhar aos esforços de pesquisadores dedicados à vida e à obra da autora ao redor do mundo (PAQUOT, 1994a; 1994b; 2019; OUAHÈS, 1999; DOSSE, [2002] 2007, p. 473-488; CLAUDE, 2006, p.5-25; PEIXOTO, 2018; 2021; PANE, 2020). Trata-se de uma *démarche* que, desde o início dos anos 1990, tem engajado um número cada vez maior de pesquisadores, mas que ainda parece pequeno se comparado ao alcance da difusão da obra de

Françoise Choay (PEIXOTO, 2021). Não obstante, esta sessão busca se somar também a outros dois interesses crescentes nos estudos urbanos: as biografias intelectuais daqueles que se dedicaram às questões urbanísticas (CALABI, 1997; BACKOUCHE, 2001; FARIA, CESAROLI, LIRA, 2014; PONTUAL; 2014; PEIXOTO, 2018; assim como, à valorização das contribuições femininas na construção dos debates do campo (LANDES, 1994; PEREIRA, 2015; FREY, PEROTTI, 2019; HELENE, PEREIRA, SANTORO, TAVARES, 2021)

As apresentações que compõem a sessão dialogam com os módulos do curso que lhe deu origem. Beneficia-se também dos debates e deslocamentos que ocorreram no decorrer das aulas. Trata-se de um esforço coletivo que pretende ainda ganhar outros desdobramentos, mas que se beneficiará de maneira significativa dos debates promovidos pelo Enanpur. Assim, propondo o diálogo como *modus operandi*, Virgínia Pontual (UFPE), Elane Ribeiro Peixoto (UNB), Priscilla Alves Peixoto (UFRJ) e Flaviana Lira (UNB) que escreve em parceria com Ana Clara Giannichini (IPHAN) apresentarão respectivamente: “Fortuna crítica de Françoise Choay”, “Traduzir discursos e reconhecer uma cultura”; “História e hermenêutica nos escritos de Françoise Choay”; e “Monumento, palavra sob holofote”.

#### O corpus a ser trabalhado pelo grupo

Françoise Choay iniciou suas incursões na crítica da arte, da arquitetura e do urbanismo em 1956 com artigos escritos para jornais e revistas, tais como: *France-Observateur*, *L’Oeil* e *La Quinzaine Littéraire*. Em 1965, publicou um de seus mais conhecidos trabalhos, *L’urbanisme, utopie et réalités* (1965), no qual empreende uma antologia de textos que testemunham diferentes práticas do urbanismo nos séculos XIX e XX. A este livro, se sucederam inúmeros outros, nos quais a autora aprofundou os conhecimentos sobre o urbanismo e a arquitetura sob o plano tanto da filosofia, quanto da antropologia. Dentre as publicações deste segundo momento, destaca-se *La règle et le modèle* (1980). Este livro confirma seu gosto pelos textos, cuja leitura não pode dispensar a discussão, o trabalho de interpretação e de crítica (CHOAY, 1994).

Nas décadas de 1980 e 1990, seus temas de interesse ganharam declinações e abarcaram as questões relativas ao patrimônio cultural. Deste aprofundamento, resultou a tradução de textos reconhecidos como « clássicos », tais como : « *Le culte moderne des monuments: son essence et sa gènes*e » (1984), de Alois Riegl, « *Conserver ou restaurer: les dilemmes du patrimoine, de Camillo Boito* » (1999), “*La Conférence d’Athènes sur la conservation artistique et historique des monuments, 1931*” (2002 ), “*La lettre à Léon X*” (2005). Nesta mesma época, Françoise Choay publicou *L’Allegorie du Patrimoine* (1992).

Já nos anos 2000, vemos um momento de consolidação de temas anteriormente trabalhados, bem como uma atitude reflexiva sobre seu próprio percurso quer ao se reposicionar em relação a questões anteriormente publicadas, quer por ainda tornar mais evidente a construção de sua abordagem. É representativo deste momento mais recente a publicação de *Pour une anthropologie de l’espace* (2006), uma antologia de textos da própria autora, muitos deles resultados de conferências e palestras. O artigo que dá nome ao livro, por exemplo, retoma estudos que Françoise Choay realizou sobre Alberti. No entanto, neste novo momento, a autora investiga o diálogo que *De re*

*aedificatoria* pode ter com as pesquisas de Claude Lévi-Strauss. A interpretação da autora se constrói, assim, especulando aproximações entre a prática arquitetônica e as operações da antropologia que conformam a base metodológica uma significativa parte de suas próprias interpretações.

### **FORTUNA CRÍTICA DE FRANÇOISE CHOAY**

Virginia Pontual / MDU- Universidade Federal de Pernambuco

Nos trazer uma interpretação sobre a fortuna crítica construída sobre Françoise Choay a partir da problematização dos contextos intelectuais e urbanísticos presentes na França. Sabe-se que a posição dessa autora no campo discursivo da história do urbanismo e como ela formou certo número de conceitos ou de contextos teóricos. A exposição de tais descobertas inspira-se em Foucault (2011, p. 267 e 269) por permitir tomar como pressuposto que o texto e o autor não são a mesma coisa, ou seja, o texto indica a figura do autor, que “lhe é exterior e anterior”. E, ainda, saber que para entender o texto ou a obra, deve-se analisar a “estrutura, em sua forma arquitetônica (...) e no jogo de suas relações internas”.

A obra escolhida é "Urbanismo, utopias e realidade" foi traduzida em pelo menos quatro línguas (espanhol, italiano, inglês e português); para o português a tradução deu-se em 1979. As publicações contam com diversas reedições. Numa primeira leitura, pode-se apreender que a autora se propõe a indicar quais as ideias-chaves que contribuíram para a constituição do campo disciplinar do urbanismo. Choay (1979, p. 2) enuncia nessa obra que o urbanismo foi constituído de modo a diferenciar-se das artes urbanas, levando em conta o seu “caráter reflexivo e crítico com pretensão científica”.

Os enunciados identificados nesta obra foram apropriados amplamente e utilizados de diversos modos, tanto na França como no Brasil. Eles se tornaram banalizadores, engessadores e padronizadores de interpretações, o que bate frontalmente com a perspectiva da história cultural que se norteia pela existência de diferenças, debates e conflitos múltiplos e polissêmicos, quando se tem como objeto de estudo as ideias, as ideologias, as maneiras de ver o mundo. Daí de modo complementar ainda será problematizada a recepção dos textos de Françoise Choay entre os estudiosos da arquitetura e urbanismo no Brasil.

### **TRADUZIR DISCURSOS E RECONHECER UMA CULTURA**

Elane Ribeiro Peixoto / PPG-FAU Universidade de Brasília

Nosso objeto são as traduções feitas ou organizadas por Françoise Choay de textos de autores estrangeiros à França. Para nós, a tradução é um diálogo entre culturas sempre tensionado, a exigir que o tradutor coloque suas escolhas no seu projeto de tradução. Enquanto uma poética, a tradução é uma criação e envolve questões políticas, éticas e afetos. Ora, discutimos, a tradução do latim para o francês de *De re aedificatoria* de Alberti realizada por Françoise Choay (FC) e Pierre Caye (PC) e publicada sob o título *L'Art d'Édifier (Éditions du Seuil, 2004)*. Foram 25 anos de envolvimento de FC com o tratado de Alberti,

necessários à elaboração de sua *Thèse d'État* e indispensáveis para traduzir este texto fundamental para o Renascimento europeu. A introdução de *L'Art d'Édifier* oferece as chaves operativas de seus tradutores. Para apreendê-las, cotejamos alguns de seus aspectos às traduções para o português feitas a partir das mesmas fontes e realizadas por Arnaldo Monteiro do Espírito Santo (Caloustre Gulbenkian, 2011) e por Sérgio Romaneli (Hedra, 2012). Nelas, há referências à *L'Art d'Édifier* que são índices de sua relevância. Esta exposição estrutura-se em dois episódios – A preparação para a tradução de *De re aedificatoria* esclarece como FC lê Alberti; e “A tarefa do tradutor”, dedicado às filigranas da arte/ofício do traduzir.

## **HISTÓRIA E HERMENEUTICA NOS ESCRITOS DE FRANÇOISE CHOAY**

Priscilla Alves Peixoto | PROARQ-FAU-UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Logo na introdução de um dos livros de Françoise Choay, “Urbanismo. Utopias e Realidades. Uma antologia” ([1965] 2003, p.3), pode-se ler: “*Nas páginas seguintes, não encontraremos uma história do urbanismo ou das ideias relativas ao planejamento urbano, mas uma tentativa de interpretação*”. Curiosamente, um dos escritos da autora que mais se difundiu no Brasil, neste país, passou a figurar como bibliografia principal não de cursos de hermenêutica, mas sim em cursos de história do urbanismo (PEIXOTO, 2015). Diante desta aparente contradição entre as questões historiográficas enunciadas pela autora e aquelas adquiridas na circulação de seu livro, cabe a pergunta: quais os sentidos que a palavra “história” possuem para Françoise Choay? Buscando respondê-la, partiremos do texto citado acima e passaremos também por outros: *L’histoire et la méthode em urbanisme*” (1970); “Alegoria do patrimônio” (1992); e “*Le De re aedificatoria et l’institutionnalisation de la Société*” ([2004] 2006). Nossa hipótese é que, ao longo de quatro décadas, os sentidos que a palavra história adquire na produção de Françoise Choay sofre deslocamentos e, em quase todos, parece estar distante das questões que se evidenciaram na sua circulação, sobretudo no Brasil. Para desenvolver a apresentação proposta, nossa abordagem se beneficia da noção de “biografia intelectual” tal como François Dosse (2005; 2018) a enunciou, bem como, dos estudos culturais, com especial interesse para os escritos de Roger Chartier (1989; 2014), Peter Burke ([2004] 2008) e Norbert Elias ([1994] 1995).

## **MONUMENTO, PALAVRA SOB HOLOFOTE**

Flaviana Lira / PPG-FAU Universidade de Brasília  
Ana Clara Giannecchini / IPHAN

Nos detemos no termo Monumento para discutir os caminhos escolhidos por Françoise Choay para elucidar a sua historicidade e as suas implicações nas práticas patrimoniais. “A Alegoria do Patrimônio” (1992) é o texto base sobre o qual nos debruçamos, interessadas em identificar e discutir o corpus de referência que subsidia as discussões propostas por Choay, e usamos como

contraponto as revisões de posturas que se observam na introdução da sua antologia “O patrimônio em questão: antologia para um combate” (2009) e nos verbetes “*Monument*” e “*Monument historique*” do “*Dictionnaire d’urbanisme et d’aménagement urbain*” organizado com Pierre Merlin (2009).

Indagamos como os pares monumento-monumento histórico, patrimônio-patrimônio histórico surgem como foco de interesse teórico da autora e buscamos explicitar os caminhos metodológicos por ela construídos para ler e interpretar os textos fundadores do debate patrimonial. Buscou-se interpretar a arqueologia de sentidos que a autora estabelece, situando as motivações para os processos de transferências semânticas pelos quais passaram as noções de monumento/ monumento histórico/ patrimônio/patrimônio histórico. Esse percurso permite a Choay estabelecer uma crítica contundente à dimensão universalista e inflacionada atual dos processos de patrimonialização, e propor a retomada da função antropológica do patrimônio na contemporaneidade.